

ARMADILHAS DE INVESTIMENTO

O QUE VOCÊ NÃO DEVE
FAZER OU DEIXAR QUE
FAÇAM COM SEUS
INVESTIMENTOS
FINANCEIROS

PAULO TENANI
ROBERTO CINTRA
ERNESTO LEME
CAIO WEIL VILLARES



7 BOOKS



Conversa entre Caio Villares e a Consultoria Junior de Economia da FGV-SP sobre o livro *Armadilhas de Investimentos*, de autoria de Paulo Tenani, Roberto Cintra, Ernesto Leme e Caio Weil Villares. Editora M. Books, 160 páginas, ISBN 9788576802563. Conversa ocorreu na Corretora Concórdia, no dia 23 de Abril de 2015.

1- Tendo escrito o livro *Armadilhas de Investimento* em conjunto com Paulo Tenani, Roberto Cintra e Ernesto Leme, o senhor poderia comentar sobre a origem dessa ideia, de onde surgiu a inspiração?

Na realidade, minha participação no livro foi mais centrada nos comentários, enquanto o professor Tenani se encarregou de criar os enredos. Tendo trabalhado duas vezes juntos, eu e o professor Paulo nos reuníamos de vez em quando e conversávamos sobre fatos curiosos que havíamos presenciado. Casos inacreditáveis que aconteciam e continuam acontecendo, erros ou situações que são claramente conflituosas e absurdas. Sendo essas histórias uma fonte de diversão, mas também um assunto muito importante para qualquer um interessado em investir, decidimos escrever esse livro com conteúdo satírico. Inspirados em situações possíveis, criamos uma série de cenários fictícios para ilustrar o processo de investimento, que é normalmente um tema extremamente árido e difícil para o público entender. Daí a ideia de usar uma formatação mais leve e coloquial, facilitando a visualização de conceitos bastante abstratos. O livro foi uma ideia que começou de maneira simplória e evoluiu, sendo que no início era mais um brainstorming e até uma diversão de relembrar alguns fatos e chamar atenção para alguns pontos que continuavam acontecendo.

2- Qual foi o critério para a escolha dos enredos?

Optamos por enredos baseados em erros comuns e com grande potencial de destruição. Além disso, embora o livro não tenha a intenção de relatar nenhum acontecimento específico, nos baseamos em experiências reais. O objetivo era criar um livro bastante ilustrativo, já que começar com conceitos abstratos torna difícil o entendimento até do próprio enredo. Por exemplo, no enredo sobre descontrole operacional busquei exemplificar uma situação sob a ótica de uma corretora, segmento que trabalho atualmente para ilustrar claramente uma falha gravíssima mas que felizmente dificilmente ocorreria nos dias de hoje.

3- Qual é o seu enredo favorito e qual você mais gostou de comentar?

É difícil escolher, mas o de gestão exótica e de descontrole operacional são muito bons. Descontrole operacional foi bem interessante de comentar porque trata da minha realidade na corretora - obviamente a situação descrita não pode acontecer de forma alguma nos dias de

hoje. O capítulo de gestão exótica, por outro lado, achei muito divertido pela forma como foi escrito. Exigir que o gestor anteveja as condições de mercado e tome as decisões corretas sempre pelo cliente, é uma ilusão. Não existe “super-herói”; o gestor pode ter sorte por um tempo, mas as chances são grandes de que ele devolva este ganho adicional no futuro. Existem casos de gestores com retornos acima de mercado consistentes, que exploram algum nicho. Com o tempo, no entanto, a tendência é que eles se tornem vítimas do próprio sucesso, e o valor gerado acaba sendo diluído pelo crescimento do fundo. Isso tudo está ilustrado no capítulo de gestão exótica, mas claro, numa versão bem mais exagerada e divertida.

4- Qual é o principal impasse para as pessoas entenderem o processo de investimento?

Acredito que para quem está fora do mercado financeiro, alguns conceitos podem se mostrar muito abstratos. Nesse sentido, nos meus comentários usei analogias e uma linguagem mais simples para facilitar o entendimento. Por outro lado, a formação também é importante: um americano está mais inserido no mercado financeiro devido a sua própria cultura de investimentos e pelo fato do tema ser recorrente na mídia do país. Por fim, o uso de instrumentos financeiros como hipotecas, aliado ao fato de que, ao contrário do Brasil, o “risk-free” americano tem um rendimento irrisório, gera incentivos para que o indivíduo se envolva mais com o mercado financeiro na busca de um retorno adicional no longo prazo em classes de ativos de risco.

5- Você acha que esse incentivo está crescendo para participação em bolsa, por exemplo?

Com a redução da taxa de juros criada em 2009, por exemplo, fez com que por um breve momento um volume maior de investidores buscassem investir em ativos de maior risco. Observou-se uma migração maciça para fundos imobiliários, com fluxo de pagamento de dividendos, ou isentos de IR. Esse momento foi pontual, durou pouco, e teve consequências bem negativas para esse tipo de investidor, que aprendeu na prática o que é duration. Esse momento contribuiu ainda para um aumento na aversão ao risco, principalmente porque muitas vezes esses produtos eram oferecidos como alternativas a renda fixa tradicional.

6- O senhor diria que o nível de burocracia no Brasil prejudica ou afasta o investidor do processo de investimento?

Eu tenho uma percepção de que muitas vezes o investidor tem um certo “medo” do gerente de banco. Por não conhecer a fundo o tema, o investidor acaba seguindo muito as sugestões do gerente. Existe uma falta de conhecimento sobre produtos bastante simples como títulos de capitalização, CDBs e etc. Em se falando do mercado acionário, existe ainda uma crença de que se trata de uma espécie de cassino onde é melhor ficar longe. E de fato, tem se observado volatilidade absurda e sem um prêmio para o risco que se corre, pelo menos no passado recente.

7- Existe no imaginário popular a imagem do banqueiro como um indivíduo ganancioso e mal-intencionado e mesmo no livro, vocês citam várias práticas erradas. Como o senhor acha que a regulação no Brasil tenta mitigar essas práticas, aumentando a confiança do investidor no mercado financeiro?

Um exemplo de iniciativa regulatória que busca proteger o investidor é o suitability, que está muito na moda, e reúne uma série de procedimentos com o objetivo de identificar os produtos mais adequados para cada perfil de investidor. Do outro lado, também existe grande preocupação por parte do sistema financeiro em atender o regulador. O problema é que não adianta nada uma regulação que, por exemplo, obriga um fundo a elaboração de um contrato de adesão extremamente detalhado e complexo, se o próprio cliente investe com a mentalidade de quem vai a um cassino, sem fazer nenhum esforço para entender de fato as implicações da decisão que está tomando. Existem inúmeros instrumentos e documentos de proteção que com uma leitura apurada permitem identificar o risco ao qual se está exposto, muitas vezes explicitados numa dimensão até exagerada para chamar a atenção do potencial cliente. Entretanto, isso só se torna eficaz a partir do momento em que o investidor demonstra interesse, lendo com atenção e retirando quaisquer eventuais dúvidas. Caso contrário, esses documentos acabam se tornando apenas “escudos” para o próprio setor financeiro.

8- O senhor acredita na qualidade e na eficiência da regulação brasileira sobre o setor financeiro?

Hoje no Brasil existe um esforço muito grande na questão prudencial, com muito enfoque em suitability, termos de adesão, cadastro e etc. Nos EUA, por outro lado, a regulação é mais frouxa. Isso acontece porque lá as punições são bem mais rápidas e precisas, eximindo a necessidade de uma regulação tão extensa. Essa característica da regulação no Brasil tem o efeito negativo de acabar engessando a parte comercial com uma série de proteções que podem ser mais para o sistema financeiro do que para o próprio cliente. Deve existir um equilíbrio: onerar tanto a distribuição de produtos, buscando uma utópica proteção de problemas, não é o caminho.